

Conhecido como um dos produtores fundamentais do novo cinema brasileiro, tendo a seu crédito filmes da importância de *Terra em Transe* e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, *Memória de Helena*, de David Neves, *Menino de Engenho*, de Walter Lima Jr, Zelito Viana, cearense de 33 anos, finalmente, este ano, resolveu passar para detrás das câmaras. Assim, em conjunto com Armando Costa, teatrólogo e roteirista, dirigiu a comédia *Minha Namorada*, filme que, segundo ele, teve a única pretensão de ser desprezioso. Nesta entrevista a *Filme Cultura*, Zelito faz um inventário geral de suas atividades cinematográficas.

JCM — A maioria dos filmes que você produziu (*Terra em Transe*, *O Homem Que Comprou o Mundo*, *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*) tem uma temática polêmica, socialmente engajada. No entanto, para sua estréia como diretor você escolheu um assunto tradicional como o é o conflito de gerações. Por quê?

ZV — O tema de *Minha Namorada* é tão polêmico quanto o dos outros filmes que produzi, na medida em que o enfoque do problema (o comportamento dos jovens metropolitanos de classe média em relação ao sexo) é completamente novo no cinema brasileiro. E também porque, em certo sentido, o filme defende um tipo de comportamento que as pessoas não estão acostumadas a ver. Este é, ao mesmo tempo, o defeito e a virtude de *Minha Namorada*: o comportamento das personagens é idealizado, isto é, todas atravessam as mais difíceis situações com absoluta tranquilidade, sem demonstrar a mínima dificuldade. Quer um exemplo? A adolescente (ela tem apenas 16 anos) perde a virgindade, a mãe briga, o pai aceita; a menina começa a andar com rapazes, a mãe continua a brigar, o namorado vai embora e surge uma crise; ela sai de casa, para levar uma vida independente, encontra outro homem e depois mais outro. Finalmente, a mãe aceita a situação e o pai a chama de volta. Tudo isso acontece de maneira absolutamente normal. *Minha Namorada* não trata, efetivamente, do conflito de gerações da forma como este é apresentado habitualmente, pois os pais deixam de ser entidades abstratas para se tornarem figuras de carne e osso, com problemas e comportamentos realistas, cotidianos. Isso, contudo, não é o que justifica o filme. Por que, *Terra em Transe* em 1967 e *Minha Namorada* em 1971? Simples: as condições atuais são inteiramente diferentes. E, em consequência, o mercado que havia naquela época para filmes tipo *Terra em Transe* deixou de existir. Fitas como *Um Asilo*

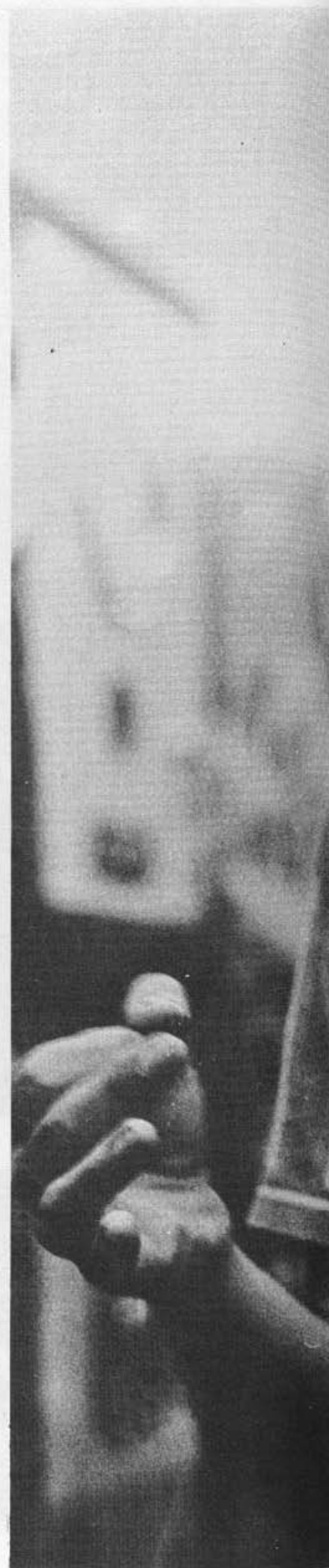
ZELITO VIANA

CONTA COMO VIROU DIRETOR

Entrevista a
José Carlos Monteiro



Fernanda Montenegro
e Laura Maria
são mãe e filha em *Minha Namorada*.





Muito Louco, Os Herdeiros, Brasil Ano 2000, Os Deuses e os Mortos foram praticamente marginalizadas pelos exibidores. O que não significa que a situação atual esteja pior ou melhor do que há quatro anos. Pessoalmente, acredito que as condições atuais são um desafio maior e vão, necessariamente, causar o surgimento de uma série de filmes menos preocupados, que vão dizer menos coisas a mais gente. É o caso de *Como É Gostoso Meu Francês, Crônica da Casa Assassinada, O Capitão Bandeira Contra o Doutor Moura Brasil, Minha Namorada, Lúcia McCartney, São Bernardo* e outros. São filmes sem pena e sem culpa.

JCM — Você considera válido que o cinema em geral — e o cinema brasileiro em particular — se volte para problemas sentimentais enquanto ocorrem episódios contundentes para os destinos dos jovens, como a insatisfação estudantil na América Latina, as manifestações pacifistas nos EUA e o protesto da juventude européia?

ZV — Os episódios que você citou são, como o próprio nome diz, apenas episódios. Extremamente importantes, alguns, mas episódios. Depois de resolvidos todos os problemas levantados por esses episódios, restarão ainda os "problemas sentimentais". Daí acreditar que qualquer filme ligado às visceras, aos sentimentos, é um filme político.

JCM — *Minha Namorada* dará alguma contribuição a jovens com problemas idênticos aos das personagens do filme?

ZV — Nenhuma. Infelizmente a fita foi proibida para menores de dezoito anos, o que impede que os adolescentes a vejam.

JCM — O título *Minha Namorada* se originou da canção de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes?

ZV — O título inicial era *Jovens Amantes*. Mas, à medida que o roteiro foi sendo elaborado, vimos que deveríamos usar músicas românticas e também procurar um título que afinasse com o espírito do filme. Como acho "Minha Namorada" a mais linda de todas as canções da bossa-nova, veio então a idéia do título. Na trilha sonora ela aparece sem a letra de Vinicius, com roupagem dos anos 70. Aliás, a trilha sonora é a coisa mais bonita do filme. Várias seqüências podem mesmo ser consideradas inteiramente musicais, pois foram montadas em função da música. Além de "Minha Namorada", a trilha musical apresenta "Adeus", de Edu Lôbo e Torquato Neto, "London-London" e "Marinheiro Só", de Caetano Veloso, e uma canção belíssima ("Ando em Ipanema"), de autoria de Marcelo, ator do filme. Dos estrangei-

ros, temos Jimmy Hendrix, Santana e Paul McCartney.

JCM — No seu caso, dirigir foi mais difícil que produzir?

ZV — Dirigir é uma consequência inevitável do trabalho de qualquer pessoa no cinema. Todas — eu disse todas — as pessoas que fazem cinema, desde o fotógrafo até o maquinista, têm vontade de dirigir. Infelizmente nem todo mundo o consegue por razões econômicas. No meu caso, era fatal que um dia passaria à direção. Faltava apenas perder o medo. Devo isso a Gláuber Rocha, Walter Lima Júnior, Carlos Diegues e à minha mulher Vera Maria que me dizia: "Deixa de medo. Não tem problema. Manda brasa". Um dia mandei.

JCM — E por que razão se associou a Armando Costa na realização da fita?

ZV — Conheço Armando Costa há muitos anos. Temos inclusive a mesma origem artística: o Centro Popular de Cultura da extinta UNE. Desde aquela época acompanho seu trabalho, éle criando e eu aplaudindo. Acredito que o cinema é uma arte coletiva: depende do roteirista, do fotógrafo, do musicista, do cenógrafo, dos atores, dos produtores, etc. No Brasil, ela depende de outras coisas mais e até do cara que traz água para a equipe beber durante as filmagens em exteriores. É importante lembrar que o fato de ser uma fita co-dirigida não implica de forma alguma em que não houve uma autoria. Eu e Armando fizemos tudo juntos, desde o começo. Levamos bastante tempo até apartarmos as arestas, mas depois tudo funcionou às mil maravilhas. Em algumas ocasiões, dividimos as tarefas de acordo com o temperamento e a tendência cultural de cada um de nós. Foi um trabalho harmonioso, sem brigas.

JCM — Houve, de sua parte, intenção de conferir algum elemento original à direção? Ou você quis somente tratar as situações linearmente, sem maior atenção para com a linguagem?

ZV — Se houve alguma pretensão de nossa parte, foi a de fazer um filme totalmente desprezioso. Creio que nesse sentido atingimos nosso objetivo. Várias vezes fomos tentados a "inovar", a fazer bossas de câmara, mas resistimos a esse tipo de apelação, mantendo a simplicidade narrativa que dá o tom do filme.

JCM — Quem são os intérpretes principais do filme, Laura Maria e Marcelo?

ZV — A atriz: Laura Maria de la Rocque. Queríamos uma menina de 15 a 17 anos, bonita, sem experiência cinematográfica, mas com cara de gente. Ou seja, uma menina que fosse algo mais do que uma simples boneca. Testamos mais de 50 candidatas. Laura Maria veio até onde fazíamos o teste

ZELITO VIANA CONTA COMO VIROU DIRETOR

A descoberta do sexo:
Marcelo e Laura Maria em
Minha Namorada.



acompanhando um rapaz que vimos no Instituto Villa Lobos e que achamos que dava para interpretar o garoto. Veio e ficou sentada num canto, encolhida. Nós a chamamos para que contracenasse com o rapaz, apenas de brincadeira. Ela fez o teste: sensacional! Testamos depois uma porção de mocinhas, mas tivemos de voltar a ela. Muita gente vai achá-la meio gorda, com espinha no rosto e tal, mas pouco importa. Ela tem uma personalidade impressionante. Não tenho a menor dúvida de que será uma grande atriz. O ator: Marcelo. Um gênio. Orde chega, ofusca todo mundo. Fala com os olhos, as mãos, o corpo. Canta, dança, compõe e, sobretudo, pensa. Deu mais trabalho de dirigir que a menina porque não fica quieto um segundo. Tem grande futuro e uma qualidade fundamental para ator de cinema: atravessa a tela e vem conversar com o espectador na cadeira.

JCM — Quanto aos outros atores (Fernanda Montenegro, Jorge Dória, Pedro Aguinaga), você teve dificuldade em dirigi-los?

ZV — Com os jovens não houve problema, pois, se era a primeira vez que eu dirigia, era também a primeira vez em que eram dirigidos. Nesse ponto quem deve receber o crédito é a figura santa de Armando Costa, um gênio de talento e paciência. Sua experiência na direção de atores em teatro, foi extremamente útil. Em relação a Fernanda Montenegro, que conheci quando se chamava Arlete e fazia novelas na Rádio Guanabara, tenho uma afeição fraterna. Talvez ela não saiba, mas sua presença em *Minha Namorada* foi fundamental, pela segurança que inspirava. Tranquila, séria, segura, ela colaborou em todos os sentidos, inclusive na direção dos outros atores.

JCM — Quais são seus planos diretoresiais? Você pretende continuar produzindo filmes alheios ou doravante só vai querer produzir os seus?

ZV — Quero dirigir uma comédia com meu irmão Chico Anísio fazendo vinte tipos diferentes. As filmagens deverão começar este mês. O roteiro foi escrito por mim, Armando Costa e o próprio Chico. Depois disso, vou parar um pouco, a fim de escrever uma comédia que, por enquanto, só tem o título: *Em Terra de Rei Quem Tem Um Olho É Cego*. Como produtor, farei *A Loucura do Cão*, com Geraldo Sarno, *Nos Limites do Interno*, de Roberto Pires, e um terceiro filme a ser dirigido por Walter Lima Júnior. Prontos para estrear, tenho ainda *Na Bôca da Noite*, de Walter Lima baseado na peça "O Assalto", de José Vicente, e *Cabezas Cortadas*, de Gláuber Rocha, filmado na Espanha.

JCM — Que acha da fase atual do cinema brasileiro?



"Minha Namorada é um filme que todos os pais deveriam ver" (Zelito Viana).



Minha Namorada: o comportamento das jovens de classe média numa metrópole.

O conflito de gerações sob um ângulo novo: Fernanda Montenegro e Pedro Aguinaga.



ZV — Está em um impasse e, ao mesmo tempo, caminha para se firmar como arte e indústria. Estamos mais ou menos como estava a indústria cinematográfica norte-americana em 1925, época em que se consolidava a indústria automobilística e outros complexos nos States. É fatal que tôdas essas mudanças que o País atravessa se reflitam também no cinema. No entanto, estamos em um impasse porque tanto a classe empresarial como as autoridades ainda não se convenceram definitivamente disso e, portanto, não nos permitiram dar o salto definitivo.

JCM — Que pensa das medidas tomadas pelo Instituto Nacional do Cinema para dinamizar a produção brasileira?

ZV — São tôdas válidas, mas ainda tímidas. O INC, acho, ainda não se deu conta da importância do cinema como indústria no País. A culpa também é nossa. Mas com outros setores econômico-industriais aconteceu o mesmo fenômeno, anos atrás. Quem comprava ações em 1966? Quem acreditava na indústria do aço em 1968?

JCM — Dê sua opinião sobre o chamado cinema *underground* brasileiro?

ZV — O cinema *underground* implica, como o próprio nome diz, na existência de um *ground*. Honestamente, não sei caracterizar o que seja o *ground* no Brasil quanto o mais o *under*. Não posso acreditar, por exemplo, em cineastas que querem exibir seus filmes no Palácio, São Luís, Condor, Art e circuito. É bom lembrar que não sou contra o sistema de produção, mas contra a "filosofia" dos *udigrudi*, e a prova disso é que fiz com Walter Lima *Na Bôca da Noite* em 16 mm e apenas três dias de filmagem, e tô aí na briga. Ou, como diz o capitão Corisco em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*: "Eu tô lá e tô cá meu capitão!"

JCM — Quais os filmes da nova safra em que deposita maiores esperanças?

ZV — Acredito bastante em *Como É Gostoso Meu Francês*, o melhor filme já feito no Brasil, em minha opinião; *Crônica da Casa Assassina*, que vai dar muito dinheiro, e *São Bernardo*, porque considero Leon Hirszman um dos maiores cineastas jovens do país.

JCM — Que entende você por cinema jovem?

ZV — Cinema jovem é aquele que trata dos problemas da juventude e do homem em geral sob uma perspectiva moderna, arejada, limpa. Exemplo: *Woodstock*, de Michael Wadleigh, *Easy Rider* (Sem Destino), de Dennis Hopper, *Alice's Restaurant* (Deixem-nos Viver), de Arthur Penn, e *My Girl Friend Marie*, de Jim McBride, que infelizmente nunca será exibido no Brasil. Só citei filme americano porque só gosto de cinema americano.